

Atendimento Psicoterápico Individual Via Videoconferência: uma revisão sistemática

Individual Psychotherapy Via Videoconference: a systematic review

Vanda Silva de Araújo* / Mariana Souza Batista / Jeferson Pereira Batista / Raquel
Alves de Lima / Maria José Nunes Gadelha / Luciana Fernandes de Medeiros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: Em decorrência da pandemia de COVID-19, os serviços psicológicos via videoconferência têm se ampliado. Considerando a necessidade de compreender os aspectos clínicos envolvidos nesta modalidade de atendimento, o presente estudo objetivou levantar e analisar artigos publicados sobre o atendimento psicoterápico via videoconferência, através de uma revisão sistemática, nas bases de dados PubMed, PsycINFO e Web of Science. A busca foi realizada no mês de agosto de 2021, utilizando os descritores “telepsychology”, “telepsychological service”, “online counseling”, “online psychotherapy” e “videoconferencing psychotherapy”. Foram selecionados 13 artigos de acordo com os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa. Apesar das pesquisas demonstrarem resultados conflitantes quanto a qualidade da relação terapêutica estabelecida, verificou-se que terapeutas e pacientes apresentaram percepções favoráveis ao uso desta modalidade de atendimento, e que a psicoterapia por videoconferência pode ser viável para o tratamento de uma ampla gama de problemáticas como ansiedade, tricotilomania, transtorno do estresse pós-traumático, transtorno psicótico, do pânico e agorafobia. Portanto, a partir dos resultados obtidos, verificou-se que a psicoterapia por videoconferência está se revelando como uma alternativa aplicada a diversos contextos não alcançados por modelos de psicoterapias tradicionais, proporcionando a ampliação do acesso à população geral, com ética e qualidade.

Palavras-chave: psicoterapia on-line; videoconferência; revisão sistemática

Abstract: As a result of the COVID-19 pandemic, psychological services via videoconferencing have expanded. Thus, due to the need to understand the clinical aspects involved in this type of care, this study aimed to raise and analyze articles published on psychotherapeutic care via videoconference, through a systematic review, in the PubMed, PsycINFO and Web of Science databases. The search was conducted in August 2021, using the descriptors “telepsychology”, “telepsychological service”, “online counseling”, “online psychotherapy” and “videoconferencing psychotherapy”. 13 articles were selected according to the research inclusion and exclusion criteria. Although researches demonstrate conflicting results regarding the quality of the established therapeutic relationship, it was found that therapists and patients had favorable perceptions of the use of this type of care, and that videoconference psychotherapy may be viable for the treatment of a wide range of problems such as anxiety, trichotillomania, post-traumatic stress disorder, psychotic

disorder, panic disorder and agoraphobia. Therefore, from the results obtained, it was found that videoconference psychotherapy is revealing itself as an alternative applied to different contexts not reached by traditional psychotherapies models, providing increased access to the general population, with ethics and quality.

Keywords: online psychotherapy; videoconferencing; systematic review

Introdução

Os primeiros estudos sobre o tratamento em psicoterapia por meio da internet foram realizados no final da década de 1990 (Marks, Shaw, & Parkin, 1998; Riley & Veale, 1999). Desde então, a partir dos diversos avanços das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's) e das novas dimensões e expressões que as relações sociais ganharam, a psicologia vem integrando essas novas ferramentas no processo de ampliação da atuação de seus profissionais (Gonçalves & Belmino, 2017; Ulkovski, Silva, & Ribeiro, 2017).

Em países como Austrália, Estados Unidos, China e Reino Unido, a modalidade de atendimento on-line já vem sendo amplamente praticada e estudada (Bittencourt et al., 2020). Nesse sentido, a adoção de novos dispositivos tecnológicos para melhor atender às expectativas e necessidades que a sociedade apresenta configura-se como uma vantagem do atendimento psicoterápico no contexto virtual (Barak, Hem, Boniel-Nissim, & Shapira, 2008; Drum & Littleton, 2014). No entanto, estes serviços só alcançaram maior difusão devido ao isolamento social da população em meio ao cenário pandêmico, causado pela COVID-19, termo atribuído pela Organização Mundial de Saúde (OMS) à doença associada ao novo coronavírus (WHO, 2020; Bittencourt et al., 2020).

No contexto brasileiro, a realização dos serviços psicológicos pela internet é recente e vem sendo regulamentada por algumas resoluções do Conselho Federal de Psicologia (CFP), a saber: a resolução 03/2000, a 12/2005 e a 11/2018 (CFP, 2000; 2005; 2018), mediante efetivação de um cadastro em plataforma específica. Em decorrência da pandemia provocada pela COVID-19, alguns artigos desse documento foram suspensos

a partir da resolução nº 4/2020. Em consequência disso, a resolução nº 4/2020 passou a permitir aos psicólogos o atendimento de grupos e situação de risco, emergência e violação de direitos por meio das TIC's (CFP, 2020).

Segundo Novella, Ng e Samuolis (2020), as intervenções psicoterápicas on-line revelam grande potencial, visto que possibilitam alcançar as populações que não teriam acesso a estas de maneira presencial, quebrando barreiras geográficas e sociais. Tal modalidade de atendimento vem recebendo várias denominações, como telepsicologia, aconselhamento on-line, psicoterapia on-line, psicoterapia por videoconferência, dentre outras (Cruz & Zwielewski, 2021; Cipolletta & Mocellin, 2017; Cheli, Cavalletti, & Petrocchi, 2020).

Cruz e Zwielewski (2021) apontam ainda que não há um consenso na literatura sobre esses termos. Para os autores, o termo telepsicologia é amplo, visto que envolve toda a gama de serviços psicológicos ofertados através das TIC's, incluindo o aconselhamento on-line e a psicoterapia on-line, também denominada de psicoterapia por videoconferência, quando os atendimentos utilizam o recurso audiovisual em tempo real. De maneira mais específica, o aconselhamento on-line envolve uma estrutura com atendimentos pontuais e intervenções de curto prazo voltados para a educação e desenvolvimento de carreira, prevenção, psicoeducação e bem-estar (Mallen & Vogel, 2005).

A psicoterapia on-line, por sua vez, está pautada em métodos de investigação e tratamento clínico continuado, estando relacionada a uma adaptação dos serviços psicológicos tradicionais presenciais, podendo ser aplicada a uma vasta gama de problemáticas que afetam a saúde mental como um todo (Cruz & Zwielewski, 2021). Dessa forma, o profissional que oferece os serviços de psicoterapia on-line deve definir as condições em que ocorrem os atendimentos, de acordo com a necessidade do usuário, a finalidade da psicoterapia, o formato (síncrono ou assíncrono), podendo ou não incluir a mediação de um profissional (Cruz & Zwielewski, 2021; Lopes et al., 2020).

O formato assíncrono geralmente é realizado através de sites, programas de computador ou aplicativos de celular, podendo ser autoguiado ou associado a feedbacks do terapeuta via mensagens de texto ou e-mail (Novella et al., 2020). Já a intervenção síncrona, por sua vez, apresenta-se por meio de videoconferência (psicoterapia por videoconferência) e audioconferência, bem como através de chats com retornos imediatos, proporcionando, dessa forma, uma interação mais espontânea e em tempo real, envolvendo pausas entre as falas, expressões verbais e não verbais (Cipolletta, Frassoni, & Faccio, 2018).

Cipolletta et al. (2018) apresenta que é possível que a relação terapêutica seja influenciada pelos formatos de comunicação síncrono e assíncrono. Segundo os autores, o atendimento por videoconferência, em contrapartida aos formatos assíncronos, pode promover sensação de segurança e vínculo ao possibilitar o fornecimento de respostas rápidas perante as solicitações do paciente. O estudo recente de Hietanen, Peltola e Hietanen (2020) corrobora com essa ideia, visto que ao avaliarem respostas psicofisiológicas de condutância da pele e reações faciais, a partir de eletromiografia, verificaram que o contato visual direto ao vivo provocou reações faciais afetivas positivas de excitação autonômica semelhantes às reações provocadas por uma interação em videoconferência.

De acordo com o exposto, torna-se necessário o levantamento de publicações disponíveis acerca da psicoterapia por videoconferência, a partir da identificação e análise crítica dos diferentes pressupostos teóricos e metodológicos, bem como das diretrizes clínicas, que vêm sendo utilizadas nesta modalidade de atendimento. Nesse sentido, a presente revisão sistemática teve como objetivo analisar artigos científicos acerca de intervenções psicoterápicas síncronas individuais mediadas por vídeo, a fim de compreender as diferentes formas de adaptação e adesão dos métodos e abordagens utilizadas, a percepção dos atores envolvidos (pacientes e profissionais) sobre essa

forma de comunicação, os efeitos desta no estabelecimento da relação terapêutica e a eficácia das diferentes intervenções utilizadas.

Método

Crítérios de Inclusão e Exclusão

Esta revisão sistemática analisou as produções científicas relacionadas a intervenções psicoterápicas síncronas mediadas por vídeo, com a finalidade de analisar os diferentes protocolos de intervenções que vêm sendo empregados no contexto clínico individual, de acordo com os tipos de abordagens psicoterapêuticas utilizadas. Por conseguinte, a pesquisa foi construída a partir dos artigos indexados nas bases de dados PubMed, PsycINFO e Web of Science. Tais bases foram definidas conforme a relação do conteúdo explorado, assim como a caracterização dos métodos clínicos utilizados e por possuírem importante acervo de periódicos científicos em língua inglesa relacionados com o tema pesquisado.

O período da busca correspondeu ao mês de agosto de 2021. Durante as etapas da revisão foram considerados os seguintes critérios de inclusão: a) artigos publicados entre os anos de 2017 e 2021; b) estudos empíricos; c) estudos de casos; d) relatos de experiências; e) estudos escritos em inglês; f) estudos que realizaram atendimento psicológico individual; e g) intervenções com momentos síncronos mediados por vídeo.

Os critérios para exclusão foram: a) estudos que não tenham sido publicados em periódicos científicos, como teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso ou capítulos de livros; b) estudos de revisão (metanálise, revisão integrativa, sistemática, de literatura, de escopo ou narrativa) c) ensaios teóricos; d) estudos com intervenções predominantemente assíncronas; e) estudos em que o contato com o psicoterapeuta tenha sido restrito a feedback por e-mail ou mensagens de texto; f) estudos em que os sujeitos da pesquisa tivessem sido crianças ou idosos; g) estudos com a presença de uma

condição médica na amostra estudada, como por exemplo câncer, diabetes, dentre outras; h) estudos com tratamentos em grupo.

Procedimento de Coleta de Dados Documentais

As etapas do presente estudo acompanharam a seguinte sequência: definição dos objetivos da revisão sistemática; delimitação dos critérios de inclusão e exclusão de artigos; busca e seleção dos artigos nas bases de dados estabelecidas; leitura dos artigos incluídos; extração das principais informações dos artigos; análise dos resultados; e discussão. Em vista disso, foram realizadas as buscas nas bases de dados, através do cruzamento de palavras com o operador booleano “OR”, entre as palavras-chaves “telepsychology”, “telepsychological service”, “online counseling”, “online psychotherapy” e “videoconferencing psychotherapy”. O fluxograma da Figura 1, construído com base nas etapas do modelo Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and MetaAnalyses (PRISMA), apresenta a quantidade de artigos encontrados nas bases de dados (PubMed, PsycINFO e Web of Science), utilizando as palavras-chave citadas anteriormente.

Procedimentos de Análise

Para reduzir o risco de viés, nos primeiros passos da revisão, referente à identificação e seleção, foram realizadas as análises de títulos/resumos de cada artigo e aplicação dos critérios de inclusão/exclusão propostos, em que dois dos autores, de forma independente, realizaram os procedimentos de busca e avaliação, seguido do cruzamento e comparação dos resultados obtidos. Assim, tratando-se de uma busca específica de atendimento psicoterápico individual por videoconferência, nas etapas seguintes, de elegibilidade e inclusão dos artigos, dois autores, em uma revisão por pares, analisaram a inclusão ou exclusão dos artigos no escopo desta revisão. Em casos

de divergências, um terceiro autor procedeu com outra avaliação e foi realizada uma análise de concordância.

No decorrer do processo, na etapa de identificação, 231 artigos foram excluídos por estarem duplicados entre as bases de dados, já na etapa de seleção, 283 foram eliminados após a leitura dos títulos, na etapa de elegibilidade por sua vez, os 33 artigos selecionados foram lidos na íntegra, tendo sido excluídos 20 de acordo com os critérios de inclusão/exclusão. Por último, foi realizada análise final dos 13 artigos incluídos na síntese qualitativa. Todos os artigos incluídos na síntese qualitativa já haviam sido submetidos ao processo de revisão por pares, de acordo com a política editorial das respectivas revistas científicas em que foram publicados.

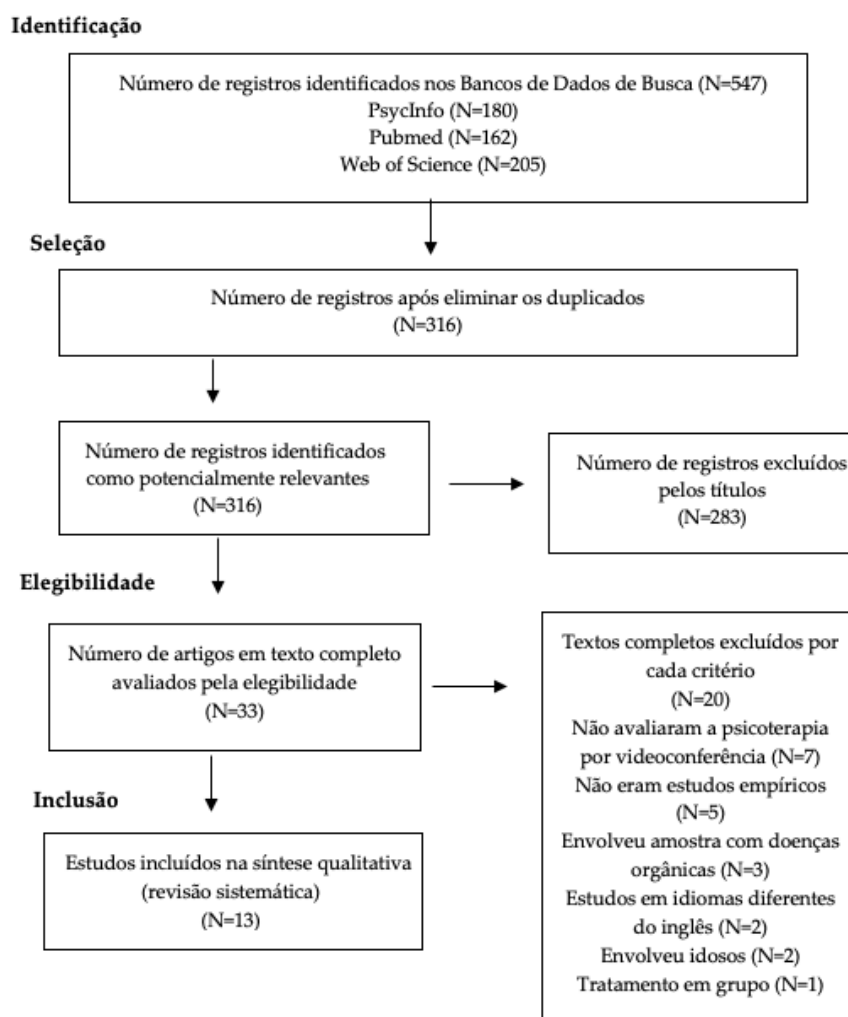


Figura 1. Fluxograma com as etapas do procedimento de busca e análise dos artigos

Resultados

Após analisar os 13 artigos incluídos nesta revisão, verificou-se que a maior parte dos estudos ocorreu no ano de 2020, totalizando cinco estudos. Esse fator pode ter sido decorrente do fenômeno pesquisado ainda ser recente, e que vem sendo estimulado pela instauração do contexto remoto da pandemia COVID-19.

Diante da variabilidade das características dos estudos encontrados, foram estruturados três seguimentos: estudos sobre percepção dos atores envolvidos (profissionais ou pacientes) acerca da psicoterapia por videoconferência (06 artigos), estudos com foco na relação terapêutica em psicoterapias mediadas por videoconferência (02 artigos) e estudos sobre eficácia das intervenções (05 artigos). A Tabela 1 apresenta as características dos estudos selecionados segundo autores, ano de publicação, número da amostra, idade, duração da coleta ou sessões realizadas, abordagem psicoterápica, plataforma ou meio de coleta utilizado e nacionalidade.

No geral, um dado que se destacou foi quanto às perspectivas teóricas utilizadas, visto que, dos 13 artigos analisados, sete (53,84%) exploraram perspectivas de forma isolada, entre elas: Terapia cognitivo-comportamental (TCC), Terapia Cognitiva, Terapia Focada na Compaixão e Fenomenologia. Já outros cinco (38,42%), perpassaram as percepções de profissionais que utilizaram abordagens distintas, sendo a TCC, Cognitivas, Comportamentais, Humanistas, Psicodinâmicas, Psico-corpóreas e Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), e ainda, um (7,69%) que não informou a perspectiva teórica utilizada. Em síntese, entre as abordagens que mais apareceram, seis incluíam em seu escopo a perspectiva Cognitivo-comportamental, correspondendo à 46,15% do total, e quatro da Terapia Cognitiva, correspondendo à 30,76% do total.

No entanto, algumas lacunas foram encontradas em relação a outros aspectos avaliados, por exemplo, a nacionalidade dos estudos se concentrou majoritariamente

entre os Estados Unidos e países da Europa. Além disso, alguns não especificaram a duração ou sessões da pesquisa, a plataforma ou meio de coleta utilizado no estudo.

Tabela 1

Principais dados dos estudos selecionados

Autor/Ano	Amostra	Idade	Duração da coleta/Sessões	Abordagem	Plataforma ou meio de coleta utilizada (o)	País onde foram realizados os estudos
Percepção sobre o tipo de atendimento						
Cipolleta e Mocellin (2017)	289	Média de 53.5 anos	21 sessões	TCC, Terapia Cognitiva, Psicanalista, Psico-corpóreas	Não consta	Itália
Békês e Doorn (2020)	145	Média de 48 anos	6 dias	TCC e Terapias Psicodinâmicas	Não consta	Estados Unidos, Canadá e Europa
Knott et al. (2020)	12	Média de 36.5 anos	Não consta	TCC e ACT	Entrevistas presenciais e via telefone	Austrália
Garcia et al. (2021)	7	Média de 36.5 anos	Não consta	Fenomenologia	Entrevista por videoconferência	Espanha
Cantone et al. (2021)	507	Entre 35 e 65 anos	2 meses	Terapias Cognitivas, Comportamentais, Humanísticas e Psicodinâmicas	Questionário on-line	Itália
Hensel et al. (2021)	12	Média 34.5 anos	3 meses	TCC	Não consta	Canadá
Estudos sobre relação terapêutica						
Cipolleta et al. (2018)	5	Média de 34 anos	3 sessões	Terapia Cognitiva	Skype	Itália
Norwood et al. (2021)	42	Entre 20 e 50 anos	12 meses/média 10 sessões	TCC	Videoconferência	Inglaterra
Estudos sobre eficácia						
Lee et al. (2018)	22	Média de 32 anos	12 semanas/10 sessões	Terapia Comportamental e ACT	Vsee e Qualtrics	Estados Unidos
Liu et al. (2019)	207	Média de 48.4 anos	12 sessões	Terapia Cognitiva	Videoconferência	Estados Unidos
Bouchard et al. (2020)	71	Média de 34.90 anos	12 sessões	TCC	Videoconferência	Canadá
Cheli et al. (2020)	6	Média de 23 anos	4 sessões	Terapia Focada na Compaixão	Videoconferência	Itália
Novella et al. (2020)	49	Média de 20 anos	3 sessões	Não consta	Doxy.me	Estados Unidos

Nota. TCC – Terapia cognitivo-comportamental; ACT – Terapia de aceitação e compromisso

Os estudos que investigaram a percepção dos psicólogos acerca do atendimento via videoconferência (Békés & Doorn, 2020; Cantone et al., 2021; Cipolletta & Mocellin, 2017; Hensel et al., 2021; Garcia et al., 2021; Knott et al., 2020) identificaram questões em comum quanto às implicações de tal fenômeno. Por esse viés, destacaram-se opiniões positivas dos psicólogos quanto a essa modalidade nas pesquisas de Békés e Doorn (2020), Cantone et al. (2021), Cipolletta e Mocellin (2017), Hensel et al. (2021) e Knott et al. (2020).

Dentre os benefícios percebidos, foram elencadas a redução de barreiras geográficas e facilidade de acesso para os pacientes que vivem em áreas rurais (Cipolletta & Mocellin, 2017; Knott et al., 2020). Além disso, foi relatado menor dispêndio financeiro no que se refere ao deslocamento, ao tempo e aos custos do consultório, além da facilitação de acesso aos serviços por pessoas com deficiências físicas (Hensel et al., 2021). Indo nessa mesma direção, Knott et al. (2020) evidenciaram os facilitadores apontados pelos psicólogos quanto ao uso da telepsicologia, incluindo treinamento, suporte estrutural, estabelecimento de um local adequado à prova de som e valores de justiça social, que englobam o compromisso de servir.

Por outro lado, Cantone et al. (2021), ao analisar como os psicoterapeutas italianos usaram videoconferência e como experienciaram a transição do presencial para o online no contexto da COVID-19, identificaram necessidade de maior flexibilidade no que diz respeito ao local, horário e frequência das sessões. Nos resultados, foram identificadas questões relacionadas a cansaço e, sobretudo, a impedimentos na aplicação de técnicas específicas da abordagem. No geral, verificou-se que, mesmo que os psicoterapeutas de abordagens diferentes tenham se adaptado ao contexto remoto, psicanalistas e psicólogos da Gestalt demonstraram mais dificuldades nesse processo.

O estudo de Garcia et al. (2021), que objetivou estudar como os processos relacionais intersubjetivos se modificaram na psicoterapia mediada por vídeo a partir da análise fenomenológica interpretativa, apresentou resultados semelhantes aos de

Cantone et al. (2021). De acordo com os resultados de Garcia et al. (2021), os participantes relataram sentir uma perda na espontaneidade do fluxo interativo devido a conexão da internet, além disso, foi apontado que os silêncios foram mais difíceis de manejar no contexto virtual.

Apesar de também encontrar vantagens quanto ao uso da psicoterapia por videoconferência, no primeiro estudo da categoria acerca do estabelecimento da relação terapêutica dentro dessa prática, Cipolletta et al. (2018) evidenciaram que as interrupções ocasionais existentes nesse tipo de atendimento podem constituir um aspecto impeditivo para o desenvolvimento da relação, uma vez que as interrupções do ambiente podem incidir na privacidade do paciente (Cipolletta et al., 2018). Para as autoras, tais interrupções podem indicar a causa pela qual os pacientes – participantes da pesquisa – solicitaram a integração das sessões on-line com as presenciais.

Já Norwood et al. (2021) identificaram pontos positivos e negativos na percepção de pacientes acerca do estabelecimento da relação terapêutica na psicoterapia por videoconferência, tendo sido destacados como aspectos favoráveis a competência profissional e habilidade do psicoterapeuta, aspectos contextuais e instrumentais do paciente e o surgimento do sentimento de reciprocidade e compreensão. Todavia, alguns pacientes relataram o sentimento de distanciamento emocional, relacionado a conexão estabelecida entre as duas partes envolvidas. Ainda assim, Norwood et al. (2021) apontam que o estabelecimento da relação terapêutica pode ocorrer de forma recíproca, sendo possível sua construção a partir da psicoterapia por videoconferência.

Em relação aos artigos que avaliaram a eficácia da psicoterapia através de videoconferência, Lee et al. (2018) objetivaram examinar a efetividade desta modalidade de atendimento para um tratamento com duração de 12 semanas para a tricotilomania por meio da TCC e da ACT. Foram utilizados instrumentos e inventários que verificaram aspectos neuropsicológicos, questões relacionadas ao comportamento de tricotilomania, qualidade de vida, vergonha, aliança de trabalho e satisfação do paciente.

Desse modo, os autores confirmaram que os participantes assistidos apresentaram uma redução significativa no comportamento de “puxar o cabelo” durante o período de pré até o pós-tratamento, se comparado às pessoas que estavam na lista de espera.

Ademais, Liu et al. (2019) exploraram a eficácia do tratamento psicológico por videoconferência em relação à modalidade presencial, para veteranos diagnosticados com Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT). A partir disso, a amostra foi composta por 207 participantes que foram divididos em dois grupos, atendimento presencial e tratamento por videoconferência, que durou 12 sessões. Para tal, o tratamento administrado seguiu a Terapia Cognitiva, no qual avaliou-se com os pacientes a veracidade dos pensamentos relacionados ao trauma e ao efeito destes sob as emoções e comportamento, sem exercícios de exposição. Os resultados sugeriram que o tratamento por videoconferência pode promover redução dos sintomas do TEPT e depressão.

Com um intuito semelhante a Lee et al. (2018), Cheli et al. (2020) demonstraram que uma intervenção mediada por vídeo, direcionada pela Terapia Focada na Compaixão, englobando quatro sessões semanais com duração de uma hora, foi eficaz para o tratamento de pacientes diagnosticados com transtorno psicótico, os quais já estavam sob tratamento psicoterápico e farmacológico, mas que ainda corriam risco de passar por episódios psicóticos quando o lockdown italiano foi anunciado. No desfecho do estudo, constatou-se que nenhum participante sofreu episódios psicóticos, bem como não houve cancelamento ou desistências das sessões e do tratamento farmacológico. Por fim, todos os envolvidos apresentaram valores decrescentes significativos nos níveis sintomatológicos (Cheli et al., 2020).

O estudo de Bouchard et al. (2020) objetivou divulgar resultados pós-tratamento e follow-up de 12 meses acerca de um tratamento por videoconferência para transtorno do pânico e agorafobia, registrando impactos da videoconferência na aliança terapêutica. Com isso, houve a divisão da amostra em dois grupos, psicoterapia por

videoconferência e presencial, sendo a intervenção pautada na TCC, com duração de 12 sessões semanais, utilizando técnicas de reestruturação cognitiva e exposição. Nessa perspectiva, Bouchard et al. (2020) constataram que não houve diferenças de eficácia no tratamento em ambos os grupos (psicoterapia por videoconferência e presencial), sendo identificadas melhorias nos sintomas e nas cognições dos pacientes.

Por último, Novella et al. (2020) avaliaram a eficácia do aconselhamento on-line síncrono através de vídeo e compararam com o atendimento presencial de três sessões para 49 estudantes universitários que sofriam com ansiedade em um nível leve à moderado. Os resultados apontaram mudanças significativas nos sintomas de ansiedade, tanto na condição on-line como no atendimento presencial, demonstrando que não houve uma diferença significativa entre as duas modalidades de atendimento.

Discussão

O objetivo desta revisão foi identificar e analisar a literatura científica sobre intervenções psicoterápicas realizadas por videoconferência, destacando os aspectos clínicos relevantes envolvidos nesta prática. Neste sentido, observou-se que já existe um corpo considerável de pesquisas que buscaram analisar as características e nuances do atendimento psicoterápico mediados por vídeo, no entanto, ainda existem fatores que precisam ser melhor investigados no que diz respeito aos procedimentos metodológicos empregados.

Dessa forma, buscou-se investigar a abrangência deste novo modelo psicoterapêutico, a partir da análise dos dados das produções científicas que permearam as categorias incluídas nesta revisão. Ao analisar os artigos da primeira categoria, referente à percepção de profissionais ou de pacientes acerca da psicoterapia por videoconferência, identificaram-se aspectos positivos e negativos em relação a esse tipo de atendimento.

Como aspectos positivos, destacaram-se a capacidade de contornar situações adversas quando o profissional se encontrava preparado em termos de referencial teórico e experiência anterior com atendimento presencial. Os aspectos negativos, por sua vez, estavam associados às dificuldades acarretadas pelas limitações da abordagem utilizada e pelas adversidades relacionadas ao uso das tecnologias, como problemas na conexão com a internet e inadequação do ambiente em que o paciente se encontra (Békés & Doorn, 2020; Cantone et al., 2021; Cipolletta & Mocellin, 2017; Garcia et al., 2021; Hensel et al., 2021; Knott et al., 2020).

No estudo de Cipolletta e Mocellin (2017), a TCC foi apontada pelos profissionais entrevistados como uma das abordagens mais adequadas para aplicação no formato on-line. Os achados de Békés e Doorn (2020) caminharam nessa mesma direção ao identificar que os psicoterapeutas da TCC demonstraram atitudes mais positivas quanto ao atendimento on-line, quando comparadas às atitudes dos psicoterapeutas da abordagem psicodinâmica. Corroborando com esse achado, Singulane e Sartes (2016) afirmam que a TCC, enquanto modelo teórico, além de ser mais utilizada, vem sendo avaliada como tendo maior efetividade no que diz respeito ao tratamento de uma ampla gama de transtornos.

Nas pesquisas de Békés e Doorn (2020) e Hensel et al. (2021) também foram constatadas percepções e atitudes positivas dos participantes quanto à mudança da modalidade de atendimento presencial para o formato on-line, sendo apontado um desempenho eficaz no modelo mediado por vídeo. Dessa forma, tanto na perspectiva dos psicoterapeutas como na dos pacientes, esses dados sugerem probabilidade da continuidade e ampliação do uso da psicoterapia via videoconferência em situações futuras (Gonçalves & Belmino, 2017; Mcbeath et al., 2020; Ulkovski et al., 2017).

Neste contexto, Bittencourt et al. (2020) afirmaram que a psicoterapia em contexto remoto pode ser mais favorável para os pacientes com algum transtorno ligado à fobia social, já que é oferecida a estes uma maior possibilidade de controle de seus

ambientes (Bittencourt et al., 2020). Somado a esse fator, o espaço virtual pode surgir como alternativa para as pessoas que evitam a procura de um psicoterapeuta com receio de receber um estigma social, levando em consideração que a modalidade on-line pode proporcionar certa garantia do anonimato (Ulkovski et al., 2017).

Apesar das vantagens, fazer uso da psicoterapia mediada por vídeo no contexto pandêmico foi considerado uma experiência repleta de desafios relacionados à interação terapêutica, ao acesso ao espaço pessoal dos pacientes, e a problemas técnicos (Cantone et al., 2021; Garcia et al., 2021). Nessa direção, Cantone et al. (2021) e Garcia et al. (2021) identificaram que os profissionais da psicologia de abordagens psicodinâmicas e humanistas demonstravam maior dificuldade na adaptação às ferramentas on-line, incluindo relatos de limitações durante a aplicação de técnicas.

Além disso, os achados indicaram que psicólogos percebiam inaplicações da psicoterapia mediada por vídeo em alguns tipos de pacientes (Cantone et al., 2021). Esses achados corroboram com os de Cipolletta et al. (2018), ao afirmarem que os espaços íntimos também passam a ser compartilhados e, junto a eles, incluem-se aspectos como ruídos e informações contidas no fundo dos vídeos, os quais não seriam acessados pela psicoterapia tradicional. Cipolletta e Mocellin (2017) e Knott et al. (2020) também demonstraram desvantagens no que se refere ao atendimento psicoterápico on-line síncrono, destacando-se as falhas de conexão, redução de sinais de comunicação não-verbal, preocupações com a segurança do atendimento, falta de treinamento e de conhecimento sobre o manejo da videoconferência e dificuldade de gerenciar o risco de suicídio dos pacientes em um contexto não presencial.

Vale destacar que as preocupações referentes à ética no atendimento psicoterápico realizado por meio de videoconferência foram citadas em todos os estudos da primeira categoria estabelecida na análise desta revisão, como por exemplo, a dificuldade com a garantia de um ambiente adequado ao atendimento (Békés & Doorn,

2020; Cipolletta & Mocellin, 2017; Knott et al., 2020; Mcbeath et al., 2020; Pierce et al., 2020), revelando certa insegurança por parte dos praticantes da modalidade remota.

Considerando esse aspecto, na pesquisa conduzida por Cipolletta e Mocellin (2017), alguns psicólogos relataram que o código de ética italiano não elucidava as questões de cunho ético acerca desses atendimentos. Nessa perspectiva, Knott et al. (2020) afirmam que há uma grande lacuna acerca do conhecimento para a condução de terapia de forma remota dentro dos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia, destacando a necessidade de o profissional possuir, de fato, uma formação consolidada e estar capacitado para exercer tal atividade.

Cipolletta et al. (2018) e Norwood et al. (2021) realizaram pesquisas voltadas para análise dos desdobramentos da relação terapêutica no contexto da psicoterapia mediada por vídeo, e relataram que esta modalidade foi apontada pelos psicólogos como adequada para fornecer o atendimento on-line. Essa perspectiva corrobora com os resultados da pesquisa de Reese et al. (2016), que identificaram prejuízo na aliança terapêutica quando comparados os níveis de precisão empática nos atendimentos por videoconferência, por telefone e de forma presencial.

Na mesma direção dos achados de Cipolletta et al. (2018) e Reese et al. (2016), em referência ao contexto pandêmico, Cheli et al. (2020) afirmaram que quatro em cada seis pacientes relataram que a aliança terapêutica esteve estável, ao comparar com o momento anterior do tratamento, isto é, antes da pandemia. Enquanto isso, duas pessoas apontaram um aumento da aliança durante a intervenção on-line.

No entanto, apesar de Cipolletta et al. (2018) apontarem que, na abordagem cognitiva, o domínio relacional do psicoterapeuta não se apresentou de maneira diferente do atendimento presencial, as autoras discutiram também a relação terapêutica através da noção de telepresença, tendo em vista que o psicoterapeuta e o paciente já não compartilham um espaço físico e são atravessados por diversas variáveis,

dentre estas, os seus ambientes de sessão, os equipamentos tecnológicos e as interrupções que perpassam a construção da aliança terapêutica no contexto virtual.

Logo, nesses casos, exige-se um maior manejo dos psicoterapeutas, haja vista a necessidade de buscar alternativas para que o diálogo seja melhor retomado. Neste sentido, foi verificado que a aplicação de formulários antes do início de cada atendimento proporcionou benefícios à relação terapêutica, sendo possível, compreender de maneira prévia quais assuntos iriam ser abordados ao decorrer do processo (Cipolletta et al., 2018).

No geral, os estudos que avaliaram o impacto da psicoterapia por videoconferência na relação terapêutica apresentaram resultados conflitantes. Sobre isso, Knott et al. (2020) levanta a hipótese de que talvez os psicólogos que não haviam realizado atendimentos mediados por vídeo anteriormente tivessem a tendência a apontar limitações no desenvolvimento da aliança terapêutica, enquanto os profissionais que já faziam uso dessa tecnologia diariamente tendessem a destacar mais benefícios, por exemplo, a melhoria do engajamento.

Os estudos de Bouchard et al. (2020), Cheli et al. (2020), Lee et al. (2018), Liu et al. (2019) e Novella et al. (2020), correspondentes a terceira categoria analisada na presente revisão, apontaram eficácia da psicoterapia mediada por vídeo em diferentes amostras, incluindo pacientes com tricotilomania, TEPT, ansiedade, depressão, psicoses, pânico e agorafobia, detectando efeitos significativos na redução de sintomas dos pacientes ao final do tratamento.

Do mesmo modo, Cheli et al. (2020), Lee et al. (2018), bem como Novella et al. (2020) apresentam que os pacientes podem ser beneficiados pelo atendimento breve no contexto virtual. No entanto, apesar de tais estudos relatarem melhora no quadro sintomatológico dos pacientes em psicoterapia mediada por vídeo ao final do tratamento, algumas lacunas e/ou limitações foram identificadas.

Um fator comum entre os estudos de Cheli et al. (2020), Lee et al. (2018) e Novella et al. (2020) foi a utilização de uma amostra pequena, ou seja, um número baixo de participantes nas pesquisas. Cheli et al. (2020) pontuam ainda que não existe um modelo consolidado para tratamento da tricotilomania a partir desta modalidade, e que, ao mesmo passo que o tratamento tenha sido benéfico para alguns, outros participantes não responderam da forma como os pesquisadores esperavam.

A partir da análise dos estudos encontrados, no geral, identificou-se que a TCC e Terapia Cognitiva compõem as perspectivas com maior predominância nos estudos analisados, uma vez que apresentam essas abordagens em seu referencial teórico (Békés & Doorn, 2020; Bouchard et al., 2020; Cantone et al., 2021; Cipolletta & Mocellin, 2017; Cipolletta et al., 2018; Hensel et al., 2021; Knott et al., 2020; Liu et al., 2019; Norwood et al., 2021). Esse dado revela a necessidade de que mais pesquisas sejam realizadas envolvendo o atendimento psicoterápico individual mediado por vídeo a partir de outras perspectivas teóricas, além da TCC, como por exemplo, a Psicanálise, a Fenomeologia e a Gestalt-terapia.

Além disso, verificou-se ainda um número baixo de publicações envolvendo atendimento psicoterápico individual via videoconferência quando comparado à vasta literatura acerca de intervenções on-line assíncronas, a partir de programas específicos ou sites da internet, intervenções ofertadas através de telefone, bem como atendimentos on-line em caráter grupal, encontradas nas buscas prévias desta revisão (Alfonsson, Johansson, Uddling, & Hursti, 2017; Mohr et al., 2019; Morabito, Mathes, & Schmidt, 2020; Reins, Bob, Lehr, Berking, & Ebert, 2019; Scherer, Alder, Gaab, Berger, Ihde, & Urech, 2016; Waltman, Landry, Pujol, & Moore, 2020; Westerhof, Lamers, Postel, & Bohlmeijer, 2019).

Considerações finais

Diante da análise dos artigos selecionados, verificou-se a existência de uma percepção positiva quanto à implementação de atendimentos síncronos por vídeo e os benefícios que podem ser acarretados, tanto para o psicoterapeuta como para os pacientes. Não obstante, também foram apresentados questionamentos e fatores que dificultam a realização da psicoterapia via videoconferência. Por tais motivos, entende-se que é necessário buscar soluções para as barreiras que ainda existem, a fim de garantir o sucesso da aliança terapêutica e o aprimoramento da eficácia da psicoterapia mediada por vídeo.

Dentre as limitações deste estudo, pode-se elencar o fato da pesquisa ter contemplado apenas atendimentos individuais síncronos através de vídeo, o que torna a amostra bastante específica e, conseqüentemente, elenca um número reduzido de estudos selecionados. Ademais, desde a deflagração da pandemia da COVID-19, os psicólogos têm adotado a psicoterapia mediada por vídeo no cotidiano. Nesse sentido, há uma urgência na produção de estudos empíricos no contexto brasileiro, os quais discorram acerca da relação terapêutica, das abordagens utilizadas e dos benefícios alcançados pelos pacientes, como forma de melhor fundamentar e compreender as nuances que permeiam esta modalidade e a nova prática profissional.

Sendo assim, sugere-se a realização de pesquisas abrangentes, as quais também busquem compreender quais tipos de características individuais podem se adaptar melhor ao formato remoto, assim como quais transtornos e/ou problemas psicológicos podem ser tratados com eficácia comprovada. Além disso, tendo em vista que é imprescindível uma boa capacitação dos profissionais para que o atendimento on-line seja fornecido, torna-se também necessária a criação de programas de treinamento por meio de entidades de referência na área da psicologia, em busca de que sejam garantidas a ética e a qualidade dos serviços psicológicos remotos para a população.

Referências

- Alfonsson, S., Johansson, K., Uddling, J., & Hursti, T. (2017). Differences in motivation and adherence to a prescribed assignment after face-to-face and online psychoeducation: an experimental study. *BMC Psychology*, 5(3), 1-13. doi: <http://doi.org/10.1186/s40359-017-0172-5>
- Barak, A., Hen, L., Boniel-Nissim, M., & Shapira, N. (2008). A comprehensive review and a meta-analysis of the effectiveness of internet-based psychotherapeutic interventions. *Journal of Technology in Human Services*, 26(2/4), 109-160. doi: <http://doi.org/10.1080/15228830802094429>
- Békés, V., & Doorn, K. A. (2020). Psychotherapists' Attitudes Toward Online Therapy During the COVID-19 Pandemic. *Journal of Psychotherapy Integration*, 30(2), 238-247. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/int0000214>
- Bittencourt, H. B., Rodrigues, C. C., Santos, G. L., Silva, J. B., Quadros, L. G., Mallmann, L. S., & Fedrizzi, R. I. (2020). Psicoterapia on-line: uma revisão de literatura. *Diaphora*, 9(1), 41-46. doi: <https://doi.org/10.29327/217869.9.2-6>
- Bouchard, S., Allard, M., Robillard, G., Dumoulin, S., Guitard, T., Loranger, C., Green-Demers, I., Marchand, A., Renaud, P., Cournoyer, L., & Corno, G. (2020). Videoconferencing Psychotherapy for Panic Disorder and Agoraphobia: Outcome and Treatment Processes From a Non-randomized Non-inferiority Trial. *Frontiers in Psychology*, 11, 1-13. doi: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.02164>
- Cantone, D., Guerriera, C., Architravo, M., Alfano, Y. M., Cioffi, V., Moretto, E., Mosca, L. L., Longobardi, T., Muzii, B., Maldonato, N. M., & Sperandeo, R. (2021). A Sample of Italian Psychotherapists Express Their Perception and Opinions of Online Psychotherapy During the Covid-19. *Pandemic. Rivista di psichiatria*, 56(4), 198-204. doi: <https://doi.org/10.1708/3654.36347>
- Cheli, S., Cavalletti, V., & Petrocchi, N. (2020). An online compassion-focused crisis intervention during COVID-19 lockdown: a cases series on patients at high risk for psychosis. *Psychosis*, 12(4), 1-4. doi: <https://doi.org/10.1080/17522439.2020.1786148>
- Cipolletta, S., & Mocellin, D. (2017). Online counseling: An exploratory survey of Italian psychologists' attitudes towards new ways of interaction. *Psychotherapy Research*, 28(6), 909-924. doi: <http://doi.org/10.1080/10503307.2016.1259533>
- Cipolletta, S., Frassoni, E., & Faccio, E. (2018). Construing a therapeutic relationship online: An analysis of videoconference sessions. *Clinical Psychologist*, 22(2), 220-229. doi: <http://doi.org/10.1111/cp.12117/>
- Conselho Federal de Psicologia (2000). Resolução CFP nº 03/2000. *Regulamenta o atendimento psicoterapêutico mediado por computador*. Retirado de: <https://www.crprs.org.br/upload/legislacao/legislacao40.pdf>
- Conselho Federal de Psicologia (2005). Resolução CFP nº 12/2005. *Regulamenta o atendimento psicoterapêutico e outros serviços psicológicos mediados por computador e*

- revoga a resolução CFP nº 03/2000. Retirado de:
https://cadastrosite.cfp.org.br/docs/resolucao2005_12.pdf
- Conselho Federal de Psicologia (2018). Resolução CFP nº 11/2018. *Regulamenta a prestação de serviços psicológicos por meio de Tecnologias da Informação e Comunicação e revoga a Resolução CFP nº 11/2012*. Retirado de: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/05/RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-11-DE-11-DE-MAIO-DE-2018.pdf>
- Conselho Federal de Psicologia (2020). Resolução CFP nº 04/2020. *Regulamenta serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologias da Informação e Comunicação durante a pandemia do COVID-19*. Retirado de:
<https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-4-2020-dispoe-sobre-regulamentacao-de-servicos-psicologicos-prestados-por-meio-de-tecnologia-da-informacao-e-da-comunicacao-durante-a-pandemia-do-covid-19?origin=instituicao&q=004/2020>
- Cruz, R.M., & Zwiowski, G. (2021). *Manual de Psicoterapia On-line*. São Paulo: Vetor.
- Drum, K. B., & Littleton, H. L. (2014). Therapeutic boundaries in telepsychology: Unique issues and best practice recommendations. *Professional Psychology Research and Practice*, 45(5), 309-315. doi: <http://doi.org/https://doi.org/10.1037/a0036127>
- Garcia, E., Paolo, E. A., & Jaeger, H. (2021) Embodiment in online psychotherapy: A qualitative study. *Psychology and Psychotherapy*, 1-21. doi: <https://doi.org/10.1111/papt.12359>
- Gonçalves, S. T., & Belmino, M. C. B. (2017). O meio virtual como espaço profissional: serviços psicológicos online. *Interfaces*, 4(3), 33-39. doi: <http://doi.org/doi.org/10.16891/2317-434X.v4.e12.a2017>
- Hensel, J. M., Yang, R., Vigod, S. N., & Desveaux, L. (2020). Videoconferencing at home for psychotherapy in the postpartum period: Identifying drivers of successful engagement and important therapeutic conditions for meaningful use. *Counselling and Psychotherapy Research*, 21(3), 535-544. doi: <https://doi.org/10.1002/capr.12372>
- Hietanen, J. O., Peltola, M. J., & Hietanen, J. K. (2020). Psychophysiological responses to eye contact in a live interaction and in video call. *Psychophysiology*, 57(6), 1-12 doi: <https://doi.org/10.1111/psyp.13587>
- Knott, V., Habota T., & Mallan K. (2020) Attitudes of Australian psychologists towards the delivery of therapy via videoconferencing technology. *Australian Psychologist*, 55(6), 606-617. doi: <http://doi.org/10.1111/ap.12464>
- Lee, E. B., Haeger, J. A., Levin, M. E., Ong, C. W., & Twohig, M. P. (2018) Telepsychotherapy for trichotillomania: A randomized controlled trial of ACT enhanced behavior therapy. *Journal of Obsessive-Compulsive and Related Disorders*, 18(2018), 106-115. doi: <http://doi.org/10.1016/j.jocrd.2018.04.003>

- Liu, L., Thorp, S. R., Moreno, L., Wells, S. Y., Glassman, L. H., Busch, A. C., Zamora, T., Rodgers, C.S., Allard, C.B., Morland, L.A., & Agha, Z. (2019). Videoconferencing psychotherapy for veterans with PTSD: Results from a randomized controlled non-inferiority trial. *Journal of Telemedicine and Telecare*, 26(9), 1-13. doi: <https://doi.org/10.1177/1357633x19853947>
- Lopes, R. T., Svacina, M. A., & Sartes, L. A. (2020). Terapia cognitivo-comportamental mediada pela internet. Em: Federação Brasileira de Terapias Cognitivas, Neufeld, C. B., Falcone, E. M., & Rangé, B. P. (Orgs.), *Procognitiva. Programa de Atualização em Terapia Cognitivo-Comportamental: Ciclo 7* (pp. 9-55), Porto Alegre, RS: Artmed Panamericana.
- Mallen, M. J., & Vogel, D. L. (2005). Introduction to the major contribution: Counseling psychology and online counseling. *The Counseling Psychologist*, 33, 761-775. doi: <https://doi.org/10.1177/0011000005278623>
- Marks, I., Shaw, S., & Parkin, R. (1998). Computer-aided treatments of mental health problems. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 5(2), 151-170. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1468-2850.1998.tb00141.x>
- McBeath, A. G., Plock, S., & Bager-Charleson, S. (2020). The challenges and experiences of psychotherapists working remotely during the coronavirus pandemic. *Counselling & Psychotherapy Research*, 20(3), 394-405. doi: <http://doi.org/10.1002/capr.12326>
- Mohr, D. C., Lattie, E. G., Tomasino, K. N., Kwasny, M. J., Kaiser, S. M., Gray, E. L., Alam, N., Jordan, N., & Schueller, S.M. (2019). A randomized noninferiority trial evaluating remotely-delivered stepped care for depression using internet cognitive behavioral therapy (CBT) and telephone CBT. *Behavior Research and Therapy*, 123, 1-10. doi: <http://doi.org/10.1016/j.brat.2019.103485>
- Morabito, D. M., Mathes, B. M., & Schmidt, N. B. (2020). The Impact of Two Brief WebBased Psychological Interventions on Functional Outcomes. *Cognitive Therapy and Research*, 44, 1068-1076. doi: <http://doi.org/10.1007/s10608-020-10144-x>
- Norwood, C., Sabin-Farrell, R., Malins, S., & Moghaddam, N. G. (2021). An Explanatory Sequential Investigation of the Working Alliance as a Change Process in Videoconferencing Psychotherapy. *Journal of Clinical Psychology*, 76(6), 1330-1353. doi: <https://doi.org/10.1002/jclp.23112>
- Novella, J. K., Ng, K., & Samuolis, J. (2020). A comparison of online and in-person counseling outcomes using solution-focused brief therapy for college students with anxiety. *Journal of American College Health*, 1-8. doi: <https://doi.org/10.1080/07448481.2020.1786101>
- Pierce, B. S., Perrin, P. B., & McDonald, S. D. (2020). Demographic, Organizational, and Clinical Practice Predictors of U.S. Psychologists' Use of Telepsychology. *Professional Psychology: Research and Practice*, 51(2), 184-193. doi: <http://doi.org/10.1037/pro0000267>

- Reese, R. J., Mecham, M. R., Vasilj, I., Lengerich, A. J., Brown, H. M., Simpson, N. B., & Newsome, B. D. (2016). The effects of telepsychology format on empathic accuracy and the therapeutic alliance: An analogue counselling session. *Counseling and Psychiatry Research*, 16(4), 256–265. doi: <http://doi.org/10.1002/capr.12092>
- Reins, J. A., Bob, L., Lehr, D., Berking, M., & Ebert, D. D. (2019). The more I got, the less I need? Efficacy of Internet-based guided self-help compared to online psychoeducation for major depressive disorder. *Journal of Affective Disorders*, 246, 695-705. doi: <http://doi.org/10.1016/j.jad.2018.12.065>
- Riley, S., & Veale, D. (1999). The internet and its relevance to cognitive behavioural psychotherapists. *Behavior Cognitive Psychotherapy* (27), 37–46. doi: 10.1017/S1352465899271068
- Scherer, S., Alder, J., Gaab, J., Berger, T., Ihde, K., & Urech, C. (2016). Patient satisfaction and psychological well-being after internet-based cognitive behavioral stress management (IB-CBSM) for women with preterm labor: A randomized controlled trial. *Journal of Psychosomatic Research*, 80, 37-43. doi: <http://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2015.10.011>
- Singulane, B. A. R., & Sartes, L. M. A. (2016). Aliança Terapêutica nas Terapias Cognitivo-comportamentais por Videoconferência: uma Revisão da Literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(3), 784-798. doi: <http://doi.org/10.1590/1982-3703000832016>
- Ulkovski, E. P., Silva, L. P. D., & Ribeiro, E. (2017). Atendimento Psicológico Online: perspectivas e desafios atuais da psicoterapia. *Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde*, 7(1), 59-68. Retirado de: <http://periodicos.unincor.br/index.php/iniciacaocientifica/article/view/4029/3229>
- Waltman, S. H., Landry, J. M., Pujol, L. A., & Moore, B. A. (2020). Delivering Evidence-Based Practices via Telepsychology: Illustrative Case Series From Military Treatment Facilities. *Professional Psychology: Research and Practice*, 51(3), 205-213. doi: <http://doi.org/10.1037/pro0000275>
- Westerhof, G. J., Lamers, S. M. A., Postel, M. G., & Bohlmeijer, E. T. (2019). Online Therapy for Depressive Symptoms: An Evaluation of Counselor-Led and Peer-Supported Life Review Therapy. *Gerontologist*, 69(1), 135-146. doi: <http://doi.org/10.1093/geront/gnx140>
- World Health Organization. "Naming the coronavirus disease (COVID-19) and the virus that causes it". Geneva: *World Health Organization*. 2020.

Submetido em: 11.10.2021

Aceito em: 08.01.2022